TEL: (31) 2101-3956 Editora: Marília Mendonça
marilia.mendonca@otempo.com.br e-mail: magazine@otempo.com.br twitter: http://twitter.com/OTEMPO-magazine Atendimento ao assinante: 2101-3838

História

O nome por trás da capa de 'Revolver'

Conversamos com o artista alemão Klaus Voormann, criador da icônica imagem do disco dos Beatles que completa 55 anos em 2021

BRUNO MATEUS

"Alguma ideia para a capa do nosso próximo disco?", o designer, artista gráfico e músico alemão Klaus Voormann, 82, ouviu alguém falar do outro lado do telefone. Não era uma pergunta aleatória de um sujeito qualquer: era John Lennon convidando o amigo, que morava em Londres, a criar a capa do disco seguinte da banda mais famosa do mundo. "Revolver", que completa 55 anos em agosto deste ano, foi gravado entre 6 de abril e 21 de junho de 1966, e o quarteto de Liverpool estava trabalhando nos estúdios EMI, na capital britânica. "John me ligou e perguntou se eu poderia aparecer com uma ideia para a capa. A ideia era justamente a parte difícil", brinca Klaus.

Alguns dias depois, ele foi aos estúdios em Abbey Road encontrar os músicos e escutar o que eles tinham feito até ali, afinal, seria fundamental que ele soubesse o que John, Ringo, George e Paul estavam preparando. A banda tinha dois terços do álbum pronto. A última faixa que Klaus ouviu foi a delirante, experimental e extraordinária "Tomorrow Never Knows", desfecho perfeito para o álbum. "Foi alucinante!", diz em entrevista ao **Magazine** por e-mail, ao se lembrar do momento da audição privilegiada. "Eu sabia que tudo que eu inventasse teria que ser tão alucinante quanto aquelas músicas. Então remexi minha cabeça até que encontrasse algo que me satisfizesse e aos meninos também", conta.

Uma das peças mais famosas do rock, a capa de "Revolver" traz ilustrações dos integrantes da banda feitas pelo alemão, que aproveitou e fez colagens de fotos feitas pelo fotógrafo Robert Whitaker para a arte final. As fotos saem da cabeça e dos ouvidos dos Beatles, criando uma imagem misteriosa e psicodélica, em perfeita sintonia com o que o quarteto estava produzindo e com a nuvem alucinógena que tomaria conta da música pop nos anos seguintes. Ele conta que levou cerca de três semanas até a conclusão da capa.

"A banda tem seus fãs, e eles querem ver fotos de seus ídolos, então decidi combinar fotos com ilustração. A melhor parte é que eu tinha um monte de caras inteligentes, espirituosos e engraçados na minha frente e que sabiam o que queriam. A pior parte? Nenhuma, tudo correu bem e fácil", pontua o designer. A relação entre ele e os Beatles começou em 1960, quando o grupo passou semanas em Hamburgo, onde Klaus vivia, tocando 10, 14 horas seguidas – muitas vezes à base de estimulantes – em espeluncas fedidas para bêbados da zona boêmia e jovens curiosos da cidade alemã. Um deles era o homem que desenharia a capa de "Revolver" anos mais tarde.

@KLAUSVOORMANNOFFICIAL/REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO

Um dos álbuns mais importantes da música pop do século XX e sétimo disco de estúdio dos Beatles, o aclamado "Revolver" tem 14 faixas e foi lançado no Reino Unido em 5 de agosto de 1966 e, três dias depois, nos Estados Unidos.

O DISCO. "Revolver" – e no título não há nenhuma referência a arma, mas ao movimento de um disco na vitrola – é um álbum realmente revolucionário e merece o lugar inovador que a história lhe deu. Cansada da beatlemania – tão cansados que John, Paul, George e Ringo fariam o último show do grupo para uma plateia ensandecida em agosto daquele ano –, a banda se interessava cada vez mais pelas técnicas de estúdio e brincava com novos sons e efeitos, introduzia elementos experimentais às criações e dava um passo importante – e definitivo – em seu processo criativo, que teria o auge em "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", lançado em maio de 1967.

"Revolver" reflete o espírito inquieto da música pop em 1966 e antecipa a psicodelia e a lisergia do "Verão do Amor", no ano seguinte. O álbum é tão importante quanto seu sucessor e mostra bem a que nível os Beatles chegariam. Foi um salto gigante, um pulo dado com a genialidade e a maturidade do quarteto e de George Martin combinada com investigações em estúdio, maconha e as primeiras viagens de LSD.

O disco começa rasgando a guitarra em "Taxman", de George Harrison, que ganhou espaço e abriu o álbum com uma composição própria, novidade na discografia dos Beatles. Lennon e McCartney comandavam essas decisões, e foi a primeira e única vez que isso aconteceu. A cítara, que fora ouvida em "Rubber Soul", surge de forma definitiva na música pop ocidental em "Love You To", outra de Harrison, influenciado pelo seu mestre Ravi Shankar. A divertida, viajante e aparentemente ingênua "Yellow Submarine", com os vocais de Ringo, o olhar irônico e sagaz de John Lennon em "She Said She Said" e "Doctor Robert" e a habilidade melódica de Paul McCartney na balada "Here, There and Everywhere" e na fúnebre "Eleanor Rigby" aparecem nesse discaço.

Em março de 1967, "Revolver" venceu o Grammy na categoria melhor arte gráfica. Foi a primeira vez que a honraria foi dada a uma capa de disco de rock. Klaus conta que nunca pensou em ganhar o prêmio de maior prestígio da indústria fonográfica. Em 2016, ele lançou "Revolver 50", livro em que relembra aqueles dias e a produção da capa. Entre trabalhos gráficos para músicos, o alemão colaborou com Paul McCartney, Bee Gees, Spooky Tooth e Marius Müller-Westernhagen e produziu também a série gráfica de "Anthology" – os três discos dos Beatles que saíram entre 1995 e 1996 com sobras de estúdio, versões raras e as inéditas "Free As a Bird" e "Real Love". Porém, a arte de "Revolver" não é só a mais famosa, mas também é a preferida do artista. "Foi o maior desafio de todos os trabalhos que já produzi, e sou muito orgulhoso do resultado", comentta ele.

Cinquenta e cinco anos depois de criar a icônica capa, Klaus Voormann, que integrou a Plastic Ono Band, de John e Yoko, e teve uma carreira de destaque como baixista em discos de Lennon, Harrison, Ringo, Lou Reed, James Taylor e Harry Nilsson, celebra sua criação e o disco que marcou a história do rock. "Devo dizer que estou feliz por ter vivido aquele tempo incrível. Foi uma revolução, em particular para os jovens", diz o alemão.